

UM ESTUDO SOBRE AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS RELACIONADAS A EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES NEGROS NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA ENTRE OS ANOS DE 2010 A 2020.

Laura de Campos Canavarollo (PIBIC/CNPq), Adriana Barin de Azevedo (Orientadora), e-mail: ra114386@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes PR.

Psicologia. Papéis e Estruturas Sociais; Indivíduo.

Palavras-chave: formação em Psicologia, narrativas de estudantes negros, relações étnico-raciais.

Resumo

Esta pesquisa investiga a experiência dos estudantes negros na formação em Psicologia no Brasil, desde o momento em que estes começaram a ter mais acesso à universidade, a partir da criação do Estatuto da Igualdade Racial, em 2010, e da Lei de Cotas, em 2012. Trata-se de uma pesquisa bibliométrica com análise dos relatos de estudantes, dividida em três etapas. Na primeira etapa, realizamos um levantamento das produções científicas publicadas no período de 2010 a 2020, que se empenham em expor as experiências destes estudantes durante a graduação em Psicologia. Na segunda etapa, nos dedicamos a estudar, dentro do mesmo período selecionado para primeira etapa, as produções do Conselho Federal de Psicologia e do Conselho Regional de Psicologia do Paraná sobre a temática das relações étnico-raciais. Por fim, na terceira, coletamos relatos dos estudantes negros sobre a formação em Psicologia, presentes nas produções estudadas na primeira etapa, e analisamos os afetos vividos por eles, tomando como referência a teoria de Espinosa. Encontramos um número reduzido de publicações que tratam da experiência de estudantes negros na formação em Psicologia, notando um aumento a partir de 2012. Nessas produções, encontramos relatos dos estudantes indicando alguns afetos tristes vividos na formação, produzidos por marcas racistas, eurocêntricas e elitistas, assim como afetos alegres indicando o fortalecimento de suas potências de vida no processo de “tornar-se negro” ao longo da graduação.

Introdução

A partir da ideia de raça criada pela modernidade, de acordo com Quijano (2005), surgem novas identidades sociais, como o negro e o indígena. Com isso, considera-se que fazer parte de uma determinada identidade social passou a significar o lugar ocupado por cada cidadão na pirâmide social, a qual se divide entre o grupo dos colonizados e dos colonizadores. Essa ideia de raça significou a legitimação da dominação adquirida com a colonização, visto que, com a expansão do colonialismo

européu, nasce o eurocentrismo do conhecimento, que passa a naturalizar a relação dominador-dominado.

Neste processo sustenta-se a hegemonia branca e sistemas de violência nos países marcados pelo colonialismo, como o Brasil, sendo o racismo um dos importantes instrumentos ideológicos. Os efeitos do colonialismo e do racismo podem ser percebidos, ainda nos dias atuais, na desigualdade material e simbólica entre pessoas negras, indígenas e as pessoas brancas. Assim, cabe ao Estado agir ativamente em medidas que visam diminuir essas lacunas. Em 2010, então, é criado o Estatuto da Igualdade Racial, tendo como um dos objetivos a garantia da efetivação da igualdade de oportunidades às pessoas negras. Em 2012, é implementada a Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, decretando que as universidades federais devem reservar vagas para pessoas pretas, pardas, indígenas, além de pessoas com deficiência e estudantes de escolas públicas (BRASIL, 2012).

A Psicologia, quando se organiza em uma disciplina científica, no século XIX, sustenta seu campo de saber e práticas em um modelo próprio à cultura europeia, consolidada dentro de uma lógica colonial (ANTUNES, 2014), com uma suposta neutralidade e objetividade. Buscou-se, portanto, nessa pesquisa, investigar quais têm sido, até o presente momento, as experiências de estudantes negros nesta formação desde 2012, considerando o aumento de ingresso desta população nas universidades públicas e também investigar através das produções do Sistema Conselhos sobre as relações étnico-raciais, de que modo a Psicologia tem enfrentado a desigualdade racial e as violências racistas.

Materiais e Métodos

Esta pesquisa utiliza como método a bibliometria, fazendo um levantamento das publicações produzidas no período de 2010 a 2020 sobre a experiência de estudantes negros na formação em Psicologia. A data de início escolhida para os levantamentos se deve a criação do Estatuto de Igualdade Racial e a aprovação da Lei de Cotas. Dividimos a pesquisa em três etapas. Na primeira, foi realizado um levantamento das produções científicas de 2010 a 2020 sobre a experiência dos estudantes negros na formação em Psicologia nas bases de dados Scielo, Pepsic, Google Acadêmico, com dois grupos de descritores: formação em Psicologia, experiências de estudantes negros, relações étnico-raciais / formação em Psicologia; vivência de estudantes negros; racismo. Na segunda, foi realizado um levantamento nos sites do Conselho Federal de Psicologia e Conselho Regional de Psicologia do Paraná, estado em que a pesquisadora reside, quanto às produções de 2010 a 2020 relacionadas às questões étnico-raciais na formação em Psicologia. Na terceira etapa, foram selecionados trechos dos relatos dos estudantes negros sobre experiências de formação em Psicologia, nos quais foi possível analisar os afetos primários, definidos por Spinoza (2020): desejo, alegria e tristeza.

Resultados e Discussão

A partir do levantamento das produções de 2010 a 2020 que tratam do tema das experiências dos estudantes negros sobre a formação em Psicologia, encontramos um total de seis produções, sendo quatro delas artigos científicos e duas trabalhos de conclusão de curso. Os materiais trazem relatos diversos desses estudantes, podendo ser estes em forma de entrevistas semiestruturadas ou de relatos pessoais sobre suas trajetórias na graduação em Psicologia.

Encontramos quatorze produções de 2010 a 2020 do Conselho Federal de Psicologia e do Conselho Regional de Psicologia do Paraná que tratam das relações étnico-raciais e a formação em Psicologia, sendo três delas cartilhas do CFP, sete artigos científicos da Revista Psicologia: Ciência e Profissão disponibilizados no site do CFP e quatro cartilhas do CRP-PR. As cartilhas de referências técnicas do Conselho Federal de Psicologia são materiais ricos em informações que se propõem a instrumentalizar psicólogas(os) a respeito das relações étnico-raciais e a formação em Psicologia, considerando o racismo como causador de sofrimento psíquico. Nas cartilhas, o CFP admite que, de maneira geral, os psicólogos brasileiros se alienam da temática étnico-racial e dos desdobramentos do racismo no psiquismo da população negra e indígena, propondo maneiras de provocar mudanças na formação. Já as cartilhas do CRP-PR trazem discussões mais iniciais de variados temas que se relacionam com o debate étnico-racial e a Psicologia, como racismo e psiquismo, a falta dessas discussões na graduação em Psicologia e o desconhecimento da temática por parte de psicólogas(os). Por fim, os artigos científicos encontrados no site do CFP focam, em sua maioria, em fazer uma revisão histórica da relação da Psicologia brasileira com as discussões étnico-raciais, pontuando que essa ciência, no país, sempre se interessou pelo assunto, usando de suas atribuições, inicialmente, para a manutenção do sistema racista e das desigualdades raciais a partir de discursos biologizantes e eugenistas e, posteriormente, focando em debates mais voltados aos aspectos sociais, com o surgimento da Psicologia Social.

Nos relatos dos estudantes negros sobre suas experiências na formação em Psicologia, analisamos os afetos primários (desejo, alegria e tristeza) pensados por Spinoza (2020). Por desejo, entendemos como a expressão da potência de existir, através das afecções que o preenchem nos encontros vividos. Já o afeto de alegria é definido por Espinosa como: “[...] a passagem do homem de uma perfeição menor para uma perfeição maior”, enquanto o afeto de tristeza é o contrário: “[...] a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor.” (SPINOZA, 2020, p. 141). A universidade, nos relatos dos estudantes negros de Psicologia, aparece como um potencial ambiente promotor de potência de vida, por se apresentar como a única possibilidade para atingir a ascensão social. Porém, quando são inseridos neste espaço, percebem-se em sofrimento, ao não se sentirem pertencentes. Nos relatos aparecem denúncias de que o curso de Psicologia precisa se rever enquanto formação, passando a promover conhecimentos que considerem vivências além do ideal europeu, branco, masculino e cis. Percebe-se a experiência de conflito em relação à universidade, na medida em que se sentem fragilizados por experiências de não pertencimento e, ao mesmo tempo, legitimados pela ideia que permeia o imaginário social de que ensino superior garante ascensão social. Analisando os afetos dos estudantes negros percebemos que o ambiente universitário também

promove a experiência de “tornar-se negro” (SOUZA, 1983). No curso de Psicologia, esta experiência aparece pelo contato com pessoas negras que já avançaram em seus processos de descobrimento de suas negritudes, assim como pelo acesso a livros, textos, eventos, grupos de estudos e, algumas vezes, por aulas que tratam de discussões sociais e raciais.

Conclusões

Estudando os afetos presentes nos relatos de estudantes negras e negros sobre suas experiências na graduação em Psicologia foi possível compreender de que modo o meio universitário participa da afirmação de uma potência de vida das pessoas negras. A criação da Lei de Cotas, mostra-se de fundamental importância para a luta contra o racismo e para devolver o direito à afirmação da potência de vida das pessoas negras, que são historicamente impedidas de expressar quem são e seu modo de existir.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq pelo financiamento da presente pesquisa, assim como a Prof^a. Dr^a. Adriana Barin de Azevedo por ter sido um porto seguro para mim durante todo o processo.

Referências

ANTUNES, M. A. M. **A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição**. São Paulo: EDUC, 2014.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, [2012]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 27 mar. 2021.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPINOZA, B. **Ética**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.